

COMUNIDADES TRADICIONAIS, IDENTIDADE TERRITORIAL E MEMÓRIA: A TESSITURA DO PASSADO COMUM

TRADITIONAL COMMUNITIES, TERRITORIAL IDENTITY AND MEMORY: THE TEXTURE OF A COMMON PAST

Maria del Carmen Matilde Huertas Calventel¹

¹ Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR, Brasil

Correspondência para: Maria del Carmen Matilde Huertas Calventel (nhespanhol@gmail.com)

doi: 10.12957/geouerj.2017.24648

Recebido em: 15 jul. 2016 | Aceito em: 29 out. 2017



RESUMO

Como objetivo, este artigo procura trazer reflexões sobre a memória coletiva para a compreensão do conceito de identidade e, a partir daí, de identidade territorial, em relação aos lugares de vivência das populações tradicionais, com um estudo de caso no Município de Ilhabela, Estado de São Paulo, Brasil, no bairro/praias do Curral, mediante entrevistas e análise da memória em relação ao lugar. Utilizando-se observação, análise das entrevistas e discussão teórica, entende-se que a memória coletiva, construindo a memória individual do passado comum, nas populações tradicionais, é fundamental para a identidade territorial e pode permitir passar de uma identidade de resistência para uma identidade de projeto, na ideia da riqueza cultural trazida pela sociodiversidade.

Palavras-chave: Identidade Territorial – Memória – Populações Tradicionais – Ilhabela/SP/Brasil– Resistência X Projeto

ABSTRACT

The objective of this article is to raise some reflections on collective memory to understand the concept of identity and, subsequently, that of territorial identity in relation to traditional population living places, through a case study carried out at the Ilhabela County, São Paulo State, Brazil, in the Curral neighborhood/beach, using interviews and memory analysis in relation to the place. Through observation, interview analysis and theoretical discussions, it is understood that, by constructing the individual memory of the common past, collective memory is essential for territorial identity and can allow the passage from a resistance identity to a project identity, based on the cultural wealth idea brought by socio-diversity.

Keywords: Territorial Identity – Memory – Traditional Populations – Ilhabela/SP/Brazil– Resistance X Project

INTRODUÇÃO

O trabalho de pesquisa em áreas de comunidades tradicionais traz uma série de questões que devem ser abordadas. As respostas encontradas para estas questões, com base nas reflexões feitas com apoio das teorias, podem solicitar, especialmente nas pesquisas geográficas, trabalhos empíricos de profundidade. O texto a seguir trará uma possível resposta geográfica – a identidade territorial - e a busca da compreensão da construção desta identidade em uma comunidade com um passado comum, no caso um passado caiçara.

Estas questões surgiram com a vivência da autora como professora de Geografia na comunidade, nas décadas de 1980 e 1990, que resultou em uma dissertação de mestrado (CALVENTE, 1993) na qual se discutia a alteridade dos caiçaras e se esboçava uma ideia que se chamou, então, de consciência étnica.

O termo caiçara é usado como uma autodenominação para o natural do litoral no estado de São Paulo, em parte do litoral do Rio de Janeiro e em parte do litoral do Paraná, quatro estados brasileiros. Na época da dissertação de mestrado se estudaram três bairros/praias de Ilhabela, município do Litoral Norte do Estado de São Paulo e, no ano de 2011, 20 anos depois, escolheu-se um dos três bairros (chamado de Curral) para as entrevistas. Para o recorte deste artigo, será abordada a memória da coletividade, lembrando que a memória pode ser considerada um movimento entre racionalidades (palavras como construções carregadas de conceitos) e subjetividades, tanto individuais como coletivas.

Identidade Territorial

É possível agrupar, e apenas para fins de análise, a territorialidade em três vertentes: política, cultural e econômica; entretanto, na realidade ou na dinâmica territorial, várias das suas dimensões estão entrelaçadas. Haesbaert (2010) informa que as formas mais familiares da territorialidade humana começam pela propriedade da terra, mas há outras. Os povos tradicionais usam a territorialidade (apropriação e/ou domínio do território) para delimitar a terra como abrigo e fonte de recursos. História, cultura e tradição explicam como as pessoas usavam ou usam a territorialidade e o modo como elas valorizavam ou valorizam o território. Na contemporaneidade, a identidade territorial pode ser um refúgio para populações tradicionais que sofrem exclusão.

Mas a questão é: que tipo de refúgio a identidade pode trazer? Podem-se compreender, com base em Castells (1999), três formas (ideais) de identidade, e essas três formas auxiliam o pensamento sobre a questão.

São: 1) identidade legitimadora (introduzida pelas instituições dominantes para expandir e racionalizar sua dominação, como no nacionalismo); 2) identidade de resistência (criada para resistir e sobreviver com base em princípios diferentes dos que permeiam as grandes instituições sociais); e 3) identidade de projeto (quando as pessoas constroem uma nova identidade que redefine sua posição na sociedade e, ao fazerem isto, buscam a transformação da estrutura social, como, por exemplo, o feminismo). Na dinâmica social, podem se transformar (de resistência em projeto, e de projeto em legitimadora e assim por diante). Buscam-se, assim, elementos que podem auxiliar na construção coletiva de uma identidade de projeto. Um dos elementos principais é a história comum, e a pesquisa sobre essa história comum é o tema deste artigo. A discussão da identidade caiçara como, notadamente, uma identidade de resistência foi abordada em outro artigo (CALVENTE, 2015).

A identidade caiçara não é uma identidade de pescadores, como o senso comum pode compreender. Castells (1999, p. 23) distingue entre papel (trabalhador, mãe, vizinho etc.) e identidade. O papel é definido externamente, por normas de instituições e da sociedade, mas a identidade tem uma origem interna. “Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções”. Assim, as atividades tradicionais caiçaras – pesca e agricultura – criam papéis, mas não a identidade.

Para a construção da identidade usa-se a matéria-prima fornecida pela memória coletiva (em foco aqui) e também por fantasias, matéria-prima processada pelos indivíduos e pelos grupos sociais, que reorganizam seu significado. Entretanto, na sua abordagem Castells pensa na identidade social. E a identidade territorial, de extrema importância nos estudos geográficos? A identidade territorial é explicada por Haesbaert (1999, p. 72) da seguinte maneira:

[...] é uma identidade definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das idéias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. Se toda identidade territorial é, obviamente, uma identidade social, nem toda identidade social (como a identidade de gênero, por exemplo) toma, obrigatoriamente, como um dos seus referenciais centrais, o território ou, num sentido mais restrito, uma fração do espaço geográfico.

Foi com base nestes conceitos e ideias que a pesquisa caminhou procurando compreender os principais elementos, na memória comum, da história da comunidade no território.

A Memória

A identidade caiçara é uma identidade territorial. Nas respostas à questão formulada “O que é ser caiçara, para esta família? Como vocês percebem que quem é de fora vê os caiçaras?”, elementos da configuração territorial estão na quase totalidade das respostas (Quadro 1). Dos 32 entrevistados, apenas um não usou os elementos do território na sua resposta. Respondeu que “ser caiçara é muito orgulho”, de forma lacônica. Na ocasião, a resposta não foi explorada, mas, se o fosse, provavelmente se chegaria também a elementos da configuração territorial.

Elementos da configuração territorial	Nº
Elementos do território e da cultura na resposta	18
Apenas elementos do território	09
Apenas elementos da cultura	01
Não sabe/não respondeu	04

Quadro 1 - Análise das respostas dadas na questão, relacionando-as aos elementos da configuração territorial

Fonte: Pesquisa de campo. Autor: Calvente.

A dimensão do território apareceu de forma nítida, já que: “[...] por mais que se reconstrua simbolicamente um espaço, sua dimensão mais concreta constitui, de alguma forma, um componente estruturador da identidade” (HAESBAERT, 1999, p. 72 – grifo do autor). E utilizar a memória para compreender a identidade territorial é fundamental, já que as narrativas são: “[...] repletas de experiências vividas, de socialização das tradições, de sensibilidades, de histórias individuais construídas na história coletiva, de pessoas localizadas num determinado lugar e é deste que falam, sentem, rememoram, significam e ressignificam” (MARTELLI, 2007, pp. 7-8).

Para isso, usou-se a pesquisa de memória viva. A técnica da pesquisa de memória viva, proposta para os professores de Geografia (CALVENTE, MOURA e ANTONELLO, 2003), consiste em entrevistar

pessoas da comunidade (normalmente, as mais idosas) com relação às transformações do meio e utilizar estas entrevistas para fazer uma relação com a teoria estudada e as modificações observadas. Normalmente, as entrevistas são gravadas e há elaboração prévia de um roteiro. No presente trabalho, foi utilizado o roteiro que consta a seguir (Quadro 2) e os entrevistados foram identificados por nomes modificados – para garantir o anonimato, conforme combinado durante as entrevistas.

Fazer a pesquisa de memória viva com entrevistados que vivem há mais de 20 anos no Curral.
Temas:
A - infância (pais, familiares, dia a dia, brincadeiras);
B - casa (onde e como morava);
C - escola (prédio, trajeto casa-escola, sistema de ensino);
D - atividades de lazer;
E - bairro (o que era antes, casas, áreas de uso coletivo);
F - riachos (cachoeiras) e mar (qualidade e utilização das águas);
G - hábitos alimentares;
H - abastecimento de água;
I - festas religiosas;
J - política e políticos;
K - atividades econômicas;
L - meios de transporte;
M - meios de comunicação.

Quadro 2- Questão 12 do roteiro de entrevistas. Autor: Calvente.

Entretanto, não pode escapar a compreensão das subjetividades inerentes à memória, que vai estar imersa em conotações ideológicas. Há que se considerar esta subjetividade, visto que a pesquisa de memória viva traz como resultado a combinação de várias reconstruções subjetivas, já que o entrevistado seleciona, conscientemente ou não, o que irá lembrar e contar. Dos 32 entrevistados, cinco não responderam à questão 12, a que exigia mais tempo disponível. Mesmo assim, houve apenas uma recusa com relação a este tema. Escolheu-se o critério de fazer esta questão apenas para entrevistados que moravam há mais de 20 anos no Curral – e, por esse critério, quatro pessoas não foram questionadas a respeito da infância.

Como se viu, a identidade territorial está ligada a uma ideia coletiva da história de uma parcela do espaço geográfico. A análise das respostas que foram dadas se ateu especialmente a essa história do lugar, procurando entender o que era comum. Como escreve Haesbaert (1999, p. 180):

[...] uma das características mais importantes da identidade territorial, correspondendo ao mesmo tempo a uma característica geral da identidade, é que ela recorre a uma dimensão histórica, do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência “condense” a memória do grupo, tal como ocorre deliberadamente nos chamados monumentos históricos nacionais. A (re)construção imaginária da identidade envolve portanto uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade.

Entender as histórias contadas pode exigir um pensar que use não apenas a razão, mas também a emoção. As palavras da poetisa Hilda Hilst trazem para o campo da intuição e do universo onírico esta subjetividade da memória e da reconstrução da identidade territorial: “Digo palavras velhas da minha língua/ patinadas de sonhos/ de meiguice enlutada. Digo palavras velhas/ porque velho é o sonho/ do homem permanecer aqui/ na casa/ na cidade/ na vila/ e pelos vitrais/ saber que é criatura/ porque sabe pouco de si mesmo” (MUSILLI, 2011, p. 4).

Infância, Casa e Escola

Uma primeira análise mostra que, com relação à pergunta geral sobre a infância, uma parte dos 27 entrevistados fez uma relação imediata com o ter tido uma infância boa ou ruim.

Oito definiram a sua infância com termos positivos, e relacionaram esta avaliação com atividades, sobretudo de lazer, vinculadas diretamente ao território: ir à praia, nadar, pegar lenha, brincar na praia e na rua, caçar pássaros e ir às cachoeiras. A maioria (12 pessoas) comentou a infância em termos neutros. Estes comentam atividades de lazer na praia em combinação com atividades relacionadas ao trabalho: trabalhar na roça, pescar com o pai e trabalhar no engenho (o que leva ao velho ditado popular caiçara: “Trabalho de criança é pouco, mas quem desdenha é louco”).

Os que relembram uma infância sofrida relacionam isso às dificuldades enfrentadas pelo excesso de atividades laborais (também vinculadas diretamente ao território) como trabalhar na roça, no engenho (Figura 1) e na criação de animais como galinhas e porcos, pescar, buscar lenha, buscar água e lavar roupas na cachoeira



Figura 1– Um dos antigos engenhos do bairro, o Engenho Caiçara, em meados da década de 1940

Autoria:desconhecida. Gentilmente cedida pela entrevistada

A minha infância? Trabalhando e trabalhando... Trabalhava carregando cana, morava com meus pais e irmãos. No dia a dia era sair três horas da manhã de casa, ir para o engenho, que papai não deixava a gente dormir não, tinha que trabalhar... É porque engenho [...] o engenho de pinga ele tem, hoje não que é tudo mecanizado, tem computador, mas ele tinha o tempo de fermentação, a garapa fermenta e ela não pode passar daquele ponto, então conforme a quantidade, eram quatro horas da manhã, tinha que ir. Ia para lá três horas da manhã, ia trabalhar, moer cana ou então, quando não tinha era trabalhar no alambique, na fogueira. (Ana)

Foi aqui, minha infância foi... Naquela época a gente não tinha infância, a gente era... Trabalhava muito, na roça, nós nascemos na roça. Eu ia para a escola, a escola era ali no Veloso, eu ia para a escola com bilhete no bolso para sair dez, dez e meia, na hora do recreio para levar comida lá na serra para o meu pai, meu pai e meus irmãos, tinha que chegar a comida

quente ainda se não chegasse era na coça ainda... A única coisa que tinha de domingo a gente ia para a praia, botar rede, que tinha muita rede de praia, não sei se tu conheces, de puxar, larga lá fora e com dois cabos, era onde divertia, era o que a gente fazia e quando tinha festa desse santo aí que a gente ia, para reza, essas coisas. (Benedito)

No tópico relacionado à moradia caiçara, procurando encontrar um padrão (ou pelo menos uma memória comum) ocorreu certa dificuldade, pela grande variação nas respostas, mas pode-se considerar como resultado uma casa de barro e pau a pique, com casa de farinha e fogão a lenha (Quadro 3 e Figura 2). Algumas falas podem ser destacadas: “Meu pai nasceu aqui, era casa de caiçara mesmo, com cimento e barro batido, foi construído pelo meu avô, tinha fogão à lenha, quintal gigante” (Carlos).

De que material era feita	Nº	O que tinha	Nº
Barro	08	Casa de farinha	02
Pau a pique	03	Fogão à lenha	02
Tijolo	03	Outras/Não respondeu	23
Outras/Não respondeu	13		

Quadro 3- Moradia caiçara na memória dos entrevistados

Fonte: Pesquisa de campo. Autor: Calvente.



Figura 2- Objetos de uma antiga casa de farinha guardados por um dos entrevistados

Autoria: Zé Huertas, 2011.

Era aqui mesmo, nessa aqui. Era a mesma coisa, só que você não tinha energia elétrica então você tinha as lamparinas, cada um dos filhos tinha uma função, eu era de limpar as lamparinas,

abastecer as lamparinas, a outra minha irmã ia lavar a roupa na cachoeira, eu às vezes também ia com ela, a gente lavava a roupa, estendia a roupa, a tarde ia buscar a roupa, ninguém roubava... E aquelas brincadeiras com todo mundo, todo mundo se conhecia, todo mundo se respeitava. (Dora)

Eu nasci aqui nessa casa, essa casa é igual como na minha infância, ela era maior, mais da metade foi destruída, faz tempo já, ali era a casa de farinha, aquela outra parte ali pegava até o muro um pouco, era bem grande, só que foi desmanchando, desmanchando e ficou só nesse pedaço aí. (Eduardo)

Com relação às escolas frequentadas, 12 entrevistados lembraram a escola no bairro do Veloso, que hoje é uma casa de veraneio, e mais quatro escolas que ficaram na memória (quadro 4). A escola do Curral hoje é o posto de saúde, a escola da Praia Grande deixou de ser na praia para ficar na encosta do mesmo bairro, a escola do Perequê também deixou de ser na praia e hoje fica no bairro da Água Branca. Apenas um colégio estadual dessa memória coletiva permanece na mesma localização: o da Barra Velha. A lembrança traz um colégio público, para o qual se ia caminhando (e, portanto, criando territórios) com um ensino considerado bom, e métodos de ensino bastante tradicionais.

Onde	Nº	Trajeto	Nº	Ensino	Nº
Veloso	12	A pé	08	Bom	06
		Não respondeu	04	Fraco	02
				Outras/Não respondeu	04
Praia Grande	05	A pé	03	Ótimo	02
		De bicicleta	01	Outras/Não respondeu	03
		Não respondeu	01		
Curral	04	A pé	04	Bom	03
				Normal	01
Perequê	02	A pé	01	Melhor	01
		De ônibus	01	Rígido	01
Barra Velha	01	A pé	01	Rígido	01

Quadro 4 - Escola na memória dos entrevistados

Fonte: Pesquisa de campo. Autor: Calvente.

Era boa, mais rígida do que hoje, se você não falasse a tabuada não saia para o recreio. Muitas vezes o trajeto era a pé e bem longe porque eu estudei na Barra Velha, no Perequê onde é a prefeitura hoje, eu ia a pé porque não tinha asfalto e se chovia tinha lama, barro, ônibus não

podia passar e eu ia a pé. (Francisca)

A escola não tinha aqui no local, era no próximo bairro, era lá no Veloso, eu frequentei a escola até o segundo ano [...] O ensino era muito bom porque você não fazia cruzinha, você não ligava palavra com palavra, você tinha que discutir, fazer uma dissertação e concordar ou discordar, você realmente aprendia e hoje está meio difícil, não é? (Dora)

Minha escola era no bairro do Veloso, era ampla, uns 40 alunos. Tinha uma sala grande de aula e dois quartos escuros de castigo, a professora colocava a gente lá para o castigo. O ensino era bom, eu gostava, preferia ir para escola, dava graças a Deus ir para escola para não precisar ir para roça e a lição fazia a noite com luz de querosene, lamparina. Quando tinha prova vinha um professor de fora fazer a prova com a gente, não tinha lanche, merenda como hoje não. (Galeno)

Uma ressalva importante, já que a discussão a respeito não cabe neste trabalho, é que para entender o contexto da queda de qualidade de ensino comentada pelos entrevistados é necessário analisar as repercussões da Lei 5692/71 na formação dos professores, em plena ditadura militar (PONTUSCHKA, 1994).

No Brasil, a década de 1970 foi o período de expansão da rede privada de ensino superior. A Lei 5692/71 extinguiu o primário e o ginásio, com um exame de admissão no meio. Foi criado o 1º grau de oito anos. Em 1972 uma lei autorizou a formação de professores em apenas três semestres. Era uma valorização do ensino técnico em detrimento do ensino humanístico. Em 1980 ocorre uma proposta de separar a licenciatura do bacharelado, enfraquecendo a formação científica do professor. Os professores recebiam um conhecimento superficial das diversas ciências, sem ter feito uma reflexão epistemológica e metodológica de cada disciplina. Ocorreu, portanto, uma ampliação do número de vagas junto com a queda da qualidade de ensino.

Lazer no Bairro

No tocante às atividades de lazer, o passado comum aparece com muita força, nas atividades feitas na praia, ainda um território fortemente caiçara. Nadar (14 menções) e participar de festas, frequentemente religiosas (três menções) eram atividades que aconteciam à beira-mar. Também como atividades que ficaram na memória em comum aparecem ir à cachoeira e brincar (pular corda e jogar bola são as brincadeiras mais mencionadas).

A figura 3 é um exemplo bastante claro do papel do território em sua dimensão simbólica, neste caso dimensão representada pela religião. A procissão em devoção à santa culmina no mesmo lugar aonde chega as graças ou as mazelas: as boas e más notícias sobre o mundo exterior à ilha, os pescadores retornando de uma boa ou má pescaria, ou não retornando. A praia é o símbolo da conexão com a espiritualidade, com o que é de dentro e o que é de fora. Em suma: com o espaço e com o território.



Figura 3 - Procissão de Nossa Senhora do Carmo, no Curral, em julho de 1960

Autoria: José Rui. Gentilmente cedida pela entrevistada.

Nos anos agrícolas de 2004/05 e 2006/07 foi efetuado maior número de contratos, sendo 632 e 651, respectivamente. Os anos agrícolas de menor adesão foram 2000/01 e 2002/03, com 198 e 254. Já a figura 4 traz outro elemento natural de suma importância dentro da dinâmica sócio espacial e, portanto, territorial, de qualquer porção do globo terrestre: água potável. Esta importância é potencializada quando se recorda que o locus desta pesquisa é uma ilha. Provavelmente uma ocasião importante, quando colocaram as roupas de “sair”, não é por acaso o fato de que uma das poucas fotos

retratando a infância de uma das entrevistadas tenha sido capturada justamente tendo a cachoeira como pano de fundo. Isto porque nestas paisagens veem-se com maior profundidade as marcas da unidade territorial, da essencialidade de dividir e conservar, da comunidade de recursos e de futuro.



Figura 4- Fotografia de dezembro de 1959, no Curral, com uma cachoeira do chamado “Ribeirão” ao fundo

Autoria: José Rui. Gentilmente cedida pela entrevistada.

Era uma educação bem rígida, os pais falavam e os filhos obedeciam na hora. Minha infância foi muito boa mesmo, e hoje não tem mais isso, hoje é só computador e fumo, antes tinha tudo na hora certa, tinha sequência, era infância, adolescência e vida adulta, e hoje eles pulam etapas. Antes a educação era igual em todas as casas, se eu estava na casa da tia, primos e fizesse algo errado eles me corrigiam como meus pais, onde a gente estava era criado, tinha respeito, tínhamos as obrigações, afazeres. Brincava de pega-pega, esconde-esconde, correr na praia a vontade, caçar pássaros, foi o melhor que fiz na vida! Antes eu ia às cachoeiras e hoje não podemos mais, os ricos compraram as terras e se a gente vai lá eles colocam cachorros atrás da gente. (Carlos)

Um dos temas foi o enfoque do bairro, quando alguns entrevistados comentaram sobre a população, outros dos caminhos, ou ainda das casas, da paisagem etc. Assim, as respostas foram agrupadas por subtemas para a análise.

Em resumo, a lembrança do bairro é de um lugar tranquilo, basicamente de caiçaras, simples, com a praia recoberta por um conjunto de vegetação formado por gramíneas e arbustos (jundu), onde vivia

uma comunidade mais unida. Havia também uma maior densidade de vegetação bairro adentro, percepção esta ampliada pela informação de que as casas eram distantes umas das outras, porque eram em menor número.

Se a comunidade de recursos é uma clara manifestação das implicações da territorialidade na construção e constituição da identidade de grupo, a falta de recursos também o é. Estar envolto em uma mata densa, apenas contando com o recurso aos vizinhos no caso de alguma situação emergencial, pode explicar a sensação de que neste lugar vivia uma comunidade mais unida. Mais unida, dentre outras razões, porque mais “ilhada”.

A história do território brasileiro foi periodizada por Santos e Silveira (2001) como de três grandes momentos: o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico informacional. No meio natural as práticas sociais são inteiramente dependentes dos elementos dos sistemas naturais, mesmo os grupos sociais elaborando práticas agrícolas importantes e outras. A interferência do homem sobre o ambiente era de pouco impacto.

Com o tempo, objetos técnicos foram sendo desenvolvimentos, consolidando o desenvolvimento do meio técnico, e o território passa a ser mecanizado, com a possibilidade de transformar o mundo natural em larga escala. O meio técnico-científico informacional é quando o território inclui obrigatoriamente ciência, tecnologia e informação na base de sua organização. O território atende, assim, aos interesses econômicos hegemônicos e está incorporado aos interesses da globalização (perversa) ou à mundialização da economia (SANTOS, 2003).

Mas as técnicas de diversos momentos coexistem no território de diversas maneiras – como no mesmo lugar a coexistência de técnicas de outro tempo com as técnicas mais modernas. O quadro retratado pelos caiçaras é o de permanência de técnicas mais antigas no território – relativamente isolado, por ser uma ilha – quando em outras parcelas do território brasileiro a modernização hegemônica já tinha ocorrido. As transformações não se manifestam nos lugares de maneira homogênea, pelo contrário, o desenvolvimento de diferentes técnicas em diferentes localidades permitiu o avanço das desigualdades.

O Curral era uma comunidade muito unida, não existia cerca, todo mundo se respeitava, todo mundo fazia mutirão, se iam fazer uma casa todo o pessoal se juntava, ia matar o barro, ia fazer a montagem da casa, fazia as amarrações, aí faziam aquele almoço, era nesse estilo. A maior parte das casas era de taipa, de pau a pique, essa casa mesmo é de pau a pique, uma parte. Olha a área de uso coletivo era mais a praia, ia jogar bola na praia, ia correr na praia, brincar, não existia um local específico, tinha também a igreja, tinha as reuniões, as festas, mas existir um local específico para jogar bola isso não tinha, era a praia mesmo. (Dora)

Era pacato, muito respeito, todos se respeitavam. Se deixasse uma bicicleta na rua e no outro dia ia pegar ela estava lá no mesmo lugar, todos eram amigos, a praia era de uso coletivo e hoje me sinto invadindo o espaço de alguém, pouco vou á praia e quando vou fico tão sem graça com os olhares do povo do hotel que prefiro ver o mar daqui mesmo. Ficam o tempo todo vigiando a gente com olhares estranhos. (Carlos)

Águas e Alimentação

A memória mostra que as águas do mar e dos rios eram limpas, volumosas, agitadas e cheias de vida, diferentemente de agora: “Era mais cristalina [...] a cachoeira era mais cheia [...] e hoje [...] o pessoal jogando esgoto na cachoeira e a quantidade de água diminuiu” (Heitor).

Era boa, você podia tomar a água sem pensar duas vezes na mão, na concha e hoje não, hoje já está meio complicado, hoje a poluição está muito grande. Nem me fale também, o mar você antes não conseguia entrar na água porque os siris carregavam teus dedos e era aquela enxurrada de siri, hoje você pode andar normalmente na praia que não aparece um para quem não conhece conhecer porque sumiu, sumiu tudo, sumiu guaruçá, siri, as santolas, os mariscos de praia, mexilhão, saguaritá você não encontra mais, a geração atual desconhece isso a olho nu, não vê, só conhece por foto. (Dora)

[...] naquela época se pegava muito peixe na praia, era galo, tainha, xarelete, todo tipo de peixe; [...] a gente ia com uma varinha ali e trazia comida para almoço e para a janta e no outro dia se queria peixe de novo, ia lá e rapidinho trazia comida para almoço e janta. Depois começou a vir muita gente para cá, a fazer muita casa, muito bar, tem casa lá para cima que jogam esgoto, esgoto de pia, não digo de fossa, mas de pia, lavam louça, lavam roupa, tudo que é sabão vai para o mar e o mar é muito delicado, tem seres no mar que você não vê de tão delicado que é. Eu andava aqui nessa praia... Eu via um negócio brilhar na areia, e pensava: o que esta brilhando na areia, pegava com a mão, eu pegava um peixinho transparente, tão delicado... Olha só... Hoje em dia já não tem mais isso. (Isabela)

Os dois trechos de entrevistas anteriormente transcritos indicam uma relação direta entre a facilidade da obtenção dos meios de subsistência (peixes e água potável) nos tempos de outrora (a primeira

entrevistada tinha, à época do trabalho de campo, 67 anos; a segunda também contava com mais 60 anos) e a perda, no presente, destas referências, substituídas pela poluição das águas, pelo desaparecimento de parte da fauna marinha, pela dificuldade do recurso à natureza a fim de obterem-se os meios mínimos de subsistência.

Se o trabalho era a lavagem de roupas, louças e panelas, o abastecimento de água potável era feito com a utilização dos ribeirões próximos. Para a água de beber e da alimentação, as pessoas iam até locais de maior altitude, para recolhê-la com potes de barro. Posteriormente, passaram a instalar longas mangueiras de borracha que traziam a água da cachoeira até as casas.

Muitas dessas mangueiras ainda são parcialmente utilizadas, significando uma economia na conta de água, já que hoje o abastecimento é feito pela SABESP (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo) na grande maioria das residências. É interessante notar que, desde a perspectiva conservacionista, a instalação deste tipo de mangueira é um hábito interessante por diminuir o consumo de água tratada.

Era por cachoeira, aqui ao lado a gente tinha um córrego, nessa ponte aí tinha um córrego que a gente lavava louça lá, só que a água para beber a gente já pegava lá da cachoeira porque já tinha morador lá em cima, naquela época a gente já tinha umas restrições, depois de muito tempo foi que nós puxamos a água da cachoeira para cá, mas até então era água da cachoeira que a gente tomava sem precisar colocar cloro, sem precisar higienizar nada. Trazia de balde na cabeça com rodilha, com os potes, a gente fazia um pano, enrolava, fazia uma rodilha punha na cabeça e vinha se apoiando nas pedras. (Dora)

A memória mostra também uma alimentação com poucas opções em relação à de hoje, com o que é encontrado nos supermercados, mas farta e natural (quadro 5), com sabores que são diferentes dos atuais: “Antigamente nós comíamos bastante azul-marinho que é peixe com banana nanica, feijão era nossa comida, e arroz, café era de casa, a maioria de casa, moía a cana no engenho e aí fazia garapa, agora é tudo comprado” (João).

Alimentos mais citados	Nº	Alimentos mais citados	Nº
------------------------	----	------------------------	----

Peixe	17	Verduras	04
Feijão	08	Batata doce	03
Arroz	07	Milho	03
Banana	07	Angu	02
Farinha	06	Cará	02
Mandioca	06	Couve	02
Café	04	Frango	02
Galinha	04	Pirão	02
Porco	04	Leite	02

Quadro 5 - A alimentação da memória

Fonte: Pesquisa de campo. Autor: Calvente.

Bom, em matéria de sítio eu fiz de tudo, fiz farinha, soquei café no pilão, torrei na panela, soquei outra vez e passei na peneirinha, então tudo essas coisas de sítio eu fiz. Eu ralava milho de noite, que meu pai tinha redes de pesca, mas ele não abandonava a lavoura, ele tinha roças, plantava milho, feijão, mandioca, batata-doce, todas essas coisas, banana, meu pai plantava. Então nós tínhamos fartura disso aí, tinha bastante criança então tinha que ter fartura mesmo. [...] Eu me criei assim, com muita fartura e tudo sem agrotóxico nenhum, tudo limpo. Tínhamos muitas galinhas, então eram ovos frescos com fartura, eu comi muita gema de ovo batida com açúcar, na hora que eu queria, aquela gema bem vermelhinha, então nessa parte aí foi uma vida muito saudável. Brincava na praia, era igual um passarinho, a infância, a gente era feliz e não sabia. [...] Eu também gosto de abacate com farinha e café, banana cozida e café, principalmente a banana da terra, é uma delícia. Eu gosto dessas coisas tudo de caçara, eu gosto de tudo, pirão... Quando eu morava em Vicente de Carvalho eu sempre fazia meus pirãozinhos, depois o lixeiro olhava o lixo e dizia “Aqui tem caçara porque eu estou vendo aqui casca de banana verde no lixo”... Eu falava “Sou eu mesmo”... (Luci)

Festas Religiosas

Com relação às festas religiosas, os caiçaras do Curral lembram-se das festas do catolicismo popular, que ocorriam em especial nos meses de junho e julho, com amplo envolvimento da comunidade (Quadro 6). A festa da Nossa Senhora do Carmo, padroeira do bairro, ocorria no dia 16 de julho; a de Santa Verônica dia 09 do mesmo mês; apenas a festa litúrgica de São Benedito é no mês de outubro, no dia cinco. Nas festas, as casas eram decoradas com flores e fitas, e encontrou-se, durante o trabalho de campo, uma réplica desta decoração em uma casa caiçara, mostrando o quanto essa memória é significativa (Figura 5).

Lembranças das festas			
Celebração	Nº	Atividades	Nº
Festa Nossa Senhora do Carmo	06	Baile	03
Festa de São Pedro	04	Comer doces	03
Festa de Santa Verônica	02	Leilão	03
Festa de Santo Antônio	02	Procissão	03
Festa de São Benedito	02	Tomar vinho	03
Festa de São João	02	Bandeirolas	02
		Cantorias	02
		Novenas	02
		Prendas	02
		Rezas	02
		Todo mundo ajudava	02

Quadro 6 – Festas religiosas

Fonte: Pesquisa de campo. Autor: Calvente.



Figura 5–Batente de porta com um enfeite igual aos que eram feitos para as festas religiosas

Autoria: Edi Santos, 2011..

Era muito boa, nossa o pessoal era muito mais unido nessa parte porque ia mais para o lado religioso e não festeiro porque hoje vai mais pelo festeiro do que pelo religioso, ao lado desse córrego aqui onde tem a casa do [...] era uma igreja, essa igreja era de Nossa Senhora do Carmo

então era padroeira do bairro, era dia 16 de julho [...] na semana, o pessoal todo ficava envolvido em retirar bambu, fazer aquelas entradas, fazer bandeirolas, limpar a igreja, decorar toda e fazer o leilão, hoje é bingo, mas antigamente era leilão, aí tinham as prendas, tinha sempre alguém para falar, comentar sobre a prenda, quem dá mais, é isso ou aquilo, naquela época não tinha frango então era peixe assado, era ova de tainha, era farinha e o pessoal de fora que trazia vinho, trazia essas latas de doces, essas coisas, mas a maior parte mesmo eram coisas da região. (Dora)

Estas atividades (comuns às festas católicas populares) serviam, à época, como uma forma de envolvimento solidário em um projeto coletivo. Hoje, entretanto, a maioria dos entrevistados é protestante: “Ia às festas, muitas vezes fui... Lá na de São Pedro e aqui no cantinho da praia, tinha um ídolo ali [...] então a gente ia às festas, mas era uma coisa com respeito [...] hoje não existe mais isso” (João).

Tendo como fonte as análises de Brandão na obra “Os Deuses do Povo” (BRANDÃO, 1986), como escrito há duas décadas, descobre-se outra dificuldade que pode ter ocorrido para ter um projeto territorial em comum:

[...] entre católicos e mediúnicos, os princípios éticos aceitos são os de solidariedade e tolerância. Já entre os grupos pentecostais, são os de uma conduta reta e intolerância; os acusados de violar normas de conduta podem ser punidos com graus variáveis de afastamento da comunidade religiosa. Estes preceitos rígidos tornam o indivíduo menos comprometido: como ninguém bebe, rouba, lidera greves, a maior parte dos complexos problemas da vida social está fora de sua preocupação. O catolicismo popular, aparentemente menos respeitável, é mais comprometido: está comprometido com todas as categorias de sujeitos e conflitos que possam aparecer. (CALVENTE, 1993, p. 52 – 53)

Atualmente, a religiosidade dividiu a comunidade em pelo menos dois grupos com normas sociais diferenciadas, os católicos e os protestantes. Portanto, a solidariedade que estava assentada no compartilhamento dos mesmos valores e crenças deixou de existir.

Política e Políticos

Em relação à lembrança dos caiçaras quanto à política e os políticos (Quadro 7), foi possível observar que a palavra política tem um significado negativo para o grupo: “Política tem agora, política tem agora, agora. Naquela época você não tinha. Tinha os defensores da ilha” (Dora). A desconfiança é generalizada para os políticos antigos e atuais, para a maior parte dos entrevistados. O humor volta para contar casos como este:

Políticos? Eleição... Que eu lembro que eu fui, era na vila. Era só na vila[...] Os políticos levavam o eleitor... Sempre foram sacanas... Eles vinham buscar, agora na hora de voltar se quisesse voltar, vinha a pé, verdade. Eles vinham buscar as pessoas em casa ou marcavam um lugar para as pessoas se reunirem, chegava lá e depois que votava... Eu lembro porque uma vez meu pai ficou muito bravo porque eles vieram buscar ele e a minha mãe para votar e depois na hora de voltar... Acho que era um caminhão, não lembro direito, mas acho que levava o pessoal de caminhão para votar. Tudo de chapéu e paletó, os políticos só levavam, mas não traziam... (Maria)

Características positivas do passado	Nº
Maior honestidade/seriedade	05
Maior acessibilidade/relação com o povo	04
Outras	03
Características negativas do passado	
Procuravam o próprio benefício (corrupção e nepotismo)	03
Características neutras do passado	
Antes não existia política	03
Política só existia na vila	03
A figura do inspetor de quarteirão	02
Características negativas do presente	
Procuram o próprio benefício (corrupção e nepotismo)	06
Outras	03
Similaridades positivas entre ontem e hoje	
Outras	02
Similaridades negativas entre ontem e hoje	
Não mudou nada/ruim igual/roubam igual	03
Outras	03

Quadro 7 – Política e políticos

Fonte: Pesquisa de campo. Autor: Calvente.

Houve considerável resistência, por parte dos entrevistados, ao falarem sobre a política. Quatro pessoas não responderam e, entre os que responderam, seis iniciaram o comentário com frases como “não sei”, “não gosto de falar”, “não ligava para isso” etc. No conteúdo das falas percebe-se uma relação de bastante pessimismo, de desesperança em relação à política e aos políticos de hoje em dia. Aliás, estes dois elementos estão associados intimamente – a palavra política refere-se à política partidária, na figura dos políticos eleitos.

De uma maneira geral, a política do passado era considerada melhor do que a de hoje. Das menções positivas feitas, dois aspectos se destacam: os relacionados a uma maior honestidade e seriedade e os elementos relacionados a uma maior acessibilidade aos políticos. Os entrevistados consideram que, comparando aos políticos de hoje, os de antigamente possuíam uma relação mais direta com os moradores: “[...] eles não visitavam o povo só quando era eleição não, visitava direto. Antes davam mais atenção. Se precisasse de alguma coisa você ia lá e conversava [...]” (Luiz); “Eles eram muito bons antes, eles vinham de casa em casa saber o que precisava e hoje só vem quando precisam de votos, só vem para pedir votos” (Galeno).

Também foi possível perceber que a maior parte dos entrevistados tinha pouca ou nenhuma participação nos processos políticos do passado. Para alguns, inclusive, antigamente a política não existia ou, se existia, era “só na vila”. Isto é, era ausente do bairro do Curral e do cotidiano dos pescadores e suas famílias. A política parece ser vista como aquilo que ocorre onde o poder político está instalado, neste caso a vila.

É interessante notar que é justamente quando, para alguns, ela não existia, que, para outros, era mais bem realizada, de uma maneira mais honesta. Tudo indica que, uma vez que a “política” é vista de maneira negativa pela maioria dos entrevistados, é no período de sua maior ausência – o passado – que ela atuou melhor e mais próxima da população.

Em resumo, a política era o que acontecia onde estava o poder público e os políticos, na vila. Os moradores do Curral, no seu cotidiano de pesca e agricultura de subsistência, não tinham acesso a ela. A política, hoje, com uma população que tem mais acesso aos meios de comunicação, é associada a algo distante, relações de interesse e de corrupção. De maneira geral, pode-se dizer que há uma grande desconfiança e descrença em relação à dimensão social da política e dos políticos por parte dos caiçaras.

Atividades Econômicas e Meios de Transporte e de Comunicação

Para as atividades econômicas do passado (Quadro 8), os principais comentários são de que se consumia o que se produzia e trabalhava-se para si próprio; a economia de subsistência com um pequeno excedente é relembrada com saudosismo por três entrevistados (pela independência e segurança); também apenas para três deles hoje é melhor, por ter mais empregos na própria ilha, o salário ser maior e a vida menos sacrificada.

Atividades	Nº
Pesca	14
Roça	08
Casa de farinha	09
Produção de banana	04
Engenho de aguardente	03
Venda de jaca	02

Quadro 8 – Atividades econômicas do passado

Fonte: Pesquisa de campo. Autor: Calvente (resposta múltipla).

A grande maioria comentou a mudança na atividade econômica de uma maneira neutra. Os que comentaram de uma maneira comparativa citaram como atividades econômicas atuais as relacionadas ao turismo: pousada ou hotelaria (três menções); aluguel de casa (duas menções); restaurante (duas menções); o próprio turismo (duas menções) e ser caseiro (uma menção).

Quanto aos meios de transporte, a memória dos caiçaras do Curral mostra que as pessoas se locomoviam caminhando, de canoa e de barco. Depois chegaram a balsa e o ônibus..

Então eu vinha com a minha mãe na vila para comprar o rótulo e o selo para botar nos litros da pinga e a gente passava pelo Perequê. Então tinha a casa e a venda do Antonio Dias, e tinha o Maneco de Zuza que ficava logo na frente que a gente passava no caminho, tudo a pé. Eu vinha com a minha avó de lá a pé e chegava aqui, às vezes não tinha mais final aqui e a gente ia a pé, eu e minha avó. Tinha lanchinha que pegava aqui e levava para a vila, essa lanchinha acabou depois que veio a balsa. Até tentaram colocar outra na carreira, mas acho que não teve movimento... [...] A balsa veio para cá em 1959 ou 1960, eu casei em 1960 e a balsa estava bem recente aqui. Quando eu fui para a ilha de Búzios, não tinha balsa ainda não. Porque o [...] trabalhou na estrada quando eu o conheci, então não tinha nem estrada ainda, como é que ia ter balsa? Para trazer o que? Não podia passar carro, nem bicicleta, nem nada... (Luci)

A figura 6 traz alguns exemplares dos tipos de canoa que eram utilizadas na locomoção para outras partes da ilha. Esta locomoção, tanto intrainsular, quanto extra insular, traz lembranças de grandes dificuldades. Não há nostalgia. Todos os entrevistados comentaram aspectos negativos do transporte do passado e positivos para o presente, sempre relacionando estes aspectos à estrada e não ao mar (Quadro 9).



Figura 6 – Canoas em um quintal do Curral

Autoria: Zé Huertas, 2011.

Meios de transporte	Nº
Tinha pouco ônibus, agora tem mais	13
Não tinha asfalto, agora é melhor	05
Não tinha ônibus quando chovia	03
Agora a maioria tem carro ou motocicleta	02
Outras respostas	04

Quadro 9 – Meios de transporte no passado e no presente. Fonte: Pesquisa de campo. Autor: Calvente.

Por fim, a última questão da pesquisa de memória viva, relacionada aos meios de comunicação (Quadro 10). Assim como para o transporte, não há nada de saudosismo, diferentemente da memória da vida na infância, da casa, da escola, do bairro, dos riachos, do mar, da alimentação e das festas religiosas.

Meios utilizados	Nº
Mandar cartas	08
Mandar recados e objetos por barco	07
Ir até a casa do outro	06
Usar orelhão	05

Quadro 10 – Meios de comunicação. Fonte: Pesquisa de campo. Autor: Calvente.

No Brasil, a década de 1970 trouxe a revolução das telecomunicações, com a difusão do meio técnico científico informacional (SANTOS; SILVEIRA, 2001). Mas esse novo meio geográfico permanece circunscrito a alguma áreas ainda por muitos anos.

As mudanças tecnológicas que chegam atualmente até os caiçaras, pelo meio técnico-científico informacional, e que chegaram, sobretudo após a década de 1990, são completamente aceitas no território e consideradas como melhoria de qualidade vida: “Comunicação não tinha, caía alguém doente tinha que ir lá ao remo” (Eduardo); “Só quando tinha o barco mesmo, tinha telégrafo na época, mas você dependia de São Sebastião. Só quando tinha o barco mesmo. O primeiro rádio que teve aqui foi de casa. A pilha era imensa, era do meu pai” (Ana).

Não tinha telefone, não tinha orelhão, não tinha celular. Por exemplo: se eu quisesse falar com

you e you morasse na Barra Velha, tinha que naquele dia falar para you que tal dia do m\u00eas eu ia \u00e0 sua casa e depois eu voltava para minha casa, era assim. Se eu quisesse falar com minha terra em Alagoas, era carta, enviava carta, \u00e1 tinha que ir l\u00e1 \u00e0 vila, no centro, era quase quinze quil\u00f4metros, esperar esse \u00f4nibus, you saia de casa sete da manh\u00e3 e chegava em casa sete da noite para ir buscar uma carta. (Nice)

No passado, n\u00e3o era aos outros, que estavam distantes, que se recorreria em caso de alguma urg\u00eancia. O recurso era, necessariamente, solicitado ao grupo. Mais uma vez, retorna-se ao paradigma da conex\u00e3o, da velocidade e da lentid\u00e3o, do meio t\u00e9cnico-cient\u00edfico informacional. A demora em comunicar-se, em dar informa\u00e7\u00f5es e obter respostas, funciona, conforme j\u00e1 mencionado anteriormente, como um elemento agregador, uma rede de coes\u00e3o comunit\u00e1ria, que n\u00e3o existe mais, em um territ\u00f3rio no qual as redes de outrora n\u00e3o funcionam mais.

CONSIDERA\u00c7\u00d5ES FINAIS

O texto aqui apresentado traz um conceito – o de identidade territorial – como um importante conceito na compreens\u00e3o dos processos, muitas vezes destrutivos, pelos quais passam as comunidades tradicionais, e nas pr\u00e1ticas de apoio a estas popula\u00e7\u00f5es. No recorte aqui apresentado, abordou-se uma pesquisa emp\u00edrica feita em uma comunidade cai\u00e7ara nos aspectos da mem\u00f3ria de um passado comum, e como essa tessitura de um passado comum pode criar uma identidade territorial que, no caso, hoje \u00e9 em particular uma identidade de resist\u00eancia, mas que pode se transformar em uma identidade de projeto, uma possibilidade desejada em um mundo onde a sociodiversidade (diferentes modos de vida) seja valorizada.

A mem\u00f3ria coletiva \u00e9 mat\u00e9ria-prima para a constru\u00e7\u00e3o da identidade. Ao se pensar na identidade territorial, uma pesquisa a respeito vai procurar elementos do territ\u00f3rio nas lembran\u00e7as de determinada comunidade. Por outro lado, muitas respostas ligadas ao territ\u00f3rio podem indicar que a identidade que emerge dessas mem\u00f3rias \u00e9 uma identidade territorial. Foi este \u00faltimo caso o que ocorreu no trabalho emp\u00edrico. Uma quest\u00e3o geral, perguntando o que era ser cai\u00e7ara, trouxe elementos do territ\u00f3rio na quase totalidade das respostas.

Para fazer a pesquisa da memória coletiva, utilizou-se a técnica chamada de pesquisa de memória viva, compreendendo a memória carregada de conotações subjetivas e uma construção individual construída na história coletiva. Treze temas foram abordados: infância, casa, escola, lazer, bairro, riachos, alimentação, água, festas, política, economia, transporte e comunicação.

Compreender a memória viva de uma comunidade permite ao pesquisador e/ou professor organizar atividades e medidas de apoio a aquela comunidade em específico.

A comunidade caiçara do Curral relaciona a infância às atividades ligadas ao lugar. Essas atividades são ligadas ao lazer e ao trabalho, e excesso de trabalho na infância aparece como sofrimento para parte dos entrevistados. Desde muito novos, as crianças caiçaras tinham sua função na família – lavar roupas, limpar lamparinas, colher cana etc. As casas eram construídas de material rústico, com fogão a lenha e casa de farinha. A área ao redor da casa era utilizada para criação de animais e as roupas eram lavadas nas cachoeiras. Comparando com os dias atuais, a relação das crianças com o lugar e com as atividades para a sobrevivência da família era intensa.

Hábitos como o de utilizar a água dos ribeirões nas residências se mantém até hoje, adaptados para a utilização de mangueiras que permitem economia na conta de água (e também a de recursos).

A alimentação é um componente importante na identidade. Um prato feito com peixe e banana verde (azul-marinho) é o principal símbolo dessa alimentação da memória. Outro símbolo importante que se mantém é o café com garapa.

Nas atividades econômicas e nos meios de comunicação o meio ainda não era o meio técnico-científico informacional – aparece a dificuldade para se comunicar com alguém distante, a de locomoção em um caso de urgência, os “tempos lentos”.

As escolas estavam localizadas na praia, e só nos últimos anos isso foi sendo modificado, visto que as escolas foram sendo deslocadas para as encostas, pela valorização dos terrenos à beira mar. Poderiam ter sido tombadas como patrimônio cultural da comunidade, mas o processo de valorização econômica

com as atividades turísticas dessa área está destruindo também esses locais importantes para a memória coletiva.

De maneira geral, a memória traz uma escola com métodos de ensino bastante tradicionais, mas nas quais o aprendizado realmente ocorria. A relação métodos tradicionais X aprendizado efetivo é feita por parte dos entrevistados, mas é uma relação que desconhece o processo de desconstrução da escola pública de qualidade que ocorreu na realidade brasileira, tema importante no diálogo necessário entre os professores e a comunidade. Essas escolas cumpriam também o papel de socialização e de organização de festas coletivas.

As festas coletivas ocorriam na praia. A praia era um território coletivo caçara, tanto para o trabalho quanto para o lazer, tanto simbolicamente quanto concretamente. As cachoeiras também eram territórios coletivos, tanto para as brincadeiras quanto para o trabalho.

Para estes locais do território da memória (praia e cachoeiras) a identidade territorial de resistência aparece com toda sua força – “os ricos” compraram essas áreas e agora não é mais possível a união que o território permitia e exigia para a sobrevivência do grupo. Em nenhuma das entrevistas apareceu algum projeto (poderia, por exemplo, ser o turismo comunitário). O trabalhar/agir/pensar coletivamente é citado apenas como passado. Parece que se perdeu a esperança.

A palavra política, para os caçaras entrevistados, tem um significado negativo – a desconfiança é generalizada, tanto para os “políticos” antigos quanto para os atuais. Compreende-se que a desesperança aparece novamente – e há pouca ou nenhuma participação nos processos políticos, sejam partidários ou não.

Mas é necessário entender a política de uma maneira ampla, como atividade humana. Política é, de acordo com sua raiz etimológica, viver em sociedade, portanto no sentido amplo as atividades do cotidiano social são políticas. Mesmo no seu sentido restrito, não se restringe à política partidária – política é uma forma específica de atuar, um exercício de poder organizado (e pode-se pensar aqui na relação entre poder e território) com o objetivo de orientar os destinos de determinado grupo humano.

Se o que distingue o homem dos outros animais é a sua capacidade de se projetar no futuro, passar de uma identidade territorial de resistência para uma identidade territorial de projeto é, fundamentalmente, fazer política e, como se constatou no decorrer deste artigo, um ato político necessário para as populações tradicionais.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. R. Os deuses do povo: um estudo sobre religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CALVENTE, M. del C. M. H. No território do azul-marinho. A busca do espaço caiçara. 1993. 161f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- _____. Questões sobre identidade territorial caiçara e turismo de base local. Revista da ANPEGE, v. 11, p. 151/16-172, 2015. Disponível em: <http://anpege.org.br/revista/ojs-2.4.6/index.php/anpege08/article/view/438>. Acesso 17 out. 2017.
- _____. MOURA, J. D. P.; ANTONELLO, I. T. A pesquisa de memória viva: uma experiência da sua utilização na formação dos professores de Geografia. Geografia – Revista do Departamento de Geociências, Londrina, v. 12, n. 1, p. 391-402, jan./jun. 2003.
- CASTELLS, M. O poder da identidade. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: edUERJ, 1999. p. 169 – 190.
- _____. O mito da desterritorialização: do “fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- MARTELLI, A. C. Entrelaçando memória e experiência na tessitura da narrativa. Travessias, UNIOESTE, Cascavel, v. 1, n. 1, p. 01 – 09, 2007. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/issue/archive>. Acesso 08 nov. 2015.
- MUSILLI, C. O que Hilda sonhava. Folha de Londrina, Londrina, 18/09/2011. Folha 2, p. 4
- PONTUSCHKA, N. N. A formação pedagógica do professor de geografia e as práticas interdisciplinares. São Paulo, 1994. 343f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 1994.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.